

## UMA ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA E SOCIODISCURSIVA DO USO DA LEXIA “MISSA” EM UM TESTAMENTO DA BAHIA COLONIAL

*Bruno de Jesus Espírito Santo*<sup>1</sup>

*Norma Suely da Silva Pereira*<sup>2</sup>

### RESUMO

Impulsionado pelos estudos sociocognitivos e sociodiscursivos da linguagem, com foco nos pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos pela Linguística Cognitiva e a sua análise do construto textual da metáfora em sua fase social e cognitivo-discursiva, este trabalho buscar observar a utilização da metáfora como instrumento de promoção de coesão e coerência e de viabilidade da realidade simbólico-discursiva da significação sobre um dos principais eventos ritualísticos do catolicismo: a missa. Para a leitura do *corpus*, um manuscrito do século XVII, utiliza-se também princípios teórico-metodológicos da Filologia e da Paleografia. Da análise dos extratos textuais selecionados, observa-se que as práticas e experiências coletivas vivenciadas no contexto sociocultural da Bahia colonial refletem-se na produção sociodiscursiva, levando à construção de metáforas que, de acordo com a ideologia hegemônica, compreendem a missa como um instrumento de barganha, por meio do qual o cristão chegará à salvação.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva. Filologia Textual. Missa.

### ABSTRACT

Driven by the sociocognitive and sociodiscursive studies of language, focusing on the theoretical and methodological assumptions developed by Cognitive Linguistics and its analysis of the textual construct of metaphor in its social and cognitive-discursive phase, this work seeks to observe the use of metaphor as an instrument of promotion of cohesion and coherence and viability of the symbolic-discursive reality of meaning on one of the

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente é componente de dois grupos de pesquisa: COGITES (Cognição, Interação e Significação) e no LAR – Laboratório de Antropologia Religiosa. E-mail: [bruno.gel@hotmail.com](mailto:bruno.gel@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2008), possui graduação em Letras (UFBA, 1998), mestrado em Letras e Linguística UFBA (2002), além de graduação em Nutrição (UFBA, 1983). É Professora Associada I da Universidade Federal da Bahia, coordenadora do Grupo de estudos *Escrita e Práticas Culturais*, vinculado ao *Novo Studia Philologica*, no CNPq. E-mail: [normasuelypereira@yahoo.com.br](mailto:normasuelypereira@yahoo.com.br)

main ritualistic events of Catholicism: the mass. For the reading of the corpus, a 17th century manuscript, theoretical-methodological principles of Philology and Paleography were also used. From the analysis of the selected textual extracts, it is observed that the collective practices and experiences lived in the socio-cultural context of colonial Bahia are reflected in the sociodiscursive production, leading to the construction of metaphors that, according to the hegemonic ideology, understand the mass as an instrument bargain, through which the Christian will come to salvation.

**Keywords:** Cognitive Linguistics. Textual Philology. Mass.

## 1. Introdução

Na antiga Bahia colonial atitudes de controle social eram promovidas pela Igreja Católica por meio de uma discursividade de opressão e subalternização reconhecida e legitimada pelo Estado. O direito do Padroado propiciava passaporte a essa instituição religiosa, que chegou junto com os colonizadores portugueses na América portuguesa, para doutrinar, controlar e subjugar a comunidade social do período dentro dos seus moldes comportamentais (CASEMIRO, 2007). Como assinala Pereira (2016b) muitos dos cristãos que compunham a elite do período desenvolviam intencionalmente um *ethos* piedoso<sup>3</sup>, o qual era expresso em seu testamento, escrito quando se pressentia a proximidade da morte, com a finalidade de alcançar a salvação. Em tal documento, o cristão deveria expressar sua contrição, bem como listar as providências que tomaria para bem encaminhar sua alma após a morte do corpo. Dentre estas, destacam-se as missas e as doações que se propunha a fazer em favor da Igreja e dos pobres, numa demonstração de arrependimento e fé.

Dessa maneira, entendendo que um texto não é arquitetado através de um organismo autônomo, autocontrolado e autossuficiente na mente que organiza o conhecimento linguístico dos indivíduos no mundo, como postula a Linguística Gerativa (FERRARI, 2011), mas sim como um objeto construído processualmente e sociocognitivo-interacionalmente pelos seres sociais em seus ambientes socioculturais como postula atualmente a Linguística Textual (KOCH, 2002; 2004 BENTES, 2001; 2017) e a Linguística Cognitiva (VEREZA, 2007, 2010; 2016; 2017) este trabalho busca interpretar como pessoas religiosas e de maior poder aquisitivo da Bahia colonial edificavam seu

---

<sup>3</sup> O *ethos* “noção sociodiscursiva, construída num processo interativo de influência sobre o outro, e que não pode ser apreendida fora de uma situação de comunicação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 63), visava construir uma aparência de piedade cristã.

dizer e argumentação, por meio da figuratividade, no encadeamento textual e discursivo dos seus testamentos, que eram parte importante de um dos rituais recomendados pelo catolicismo da época, como uma possibilidade de salvação da alma pós-morte, intitulado ritual da “boa morte” (PEREIRA, 2015).

Figuratividade entende-se, aqui, como construtos simbólicos e sociocognitivos que auxiliam os seres humanos a estruturar e ler a si e ao mundo utilizando-se de conhecimentos que são armazenados na mente durante toda sua experiência de vida (MORATO, 2017). Estes elementos essenciais na construção da linguagem humana são estudados desde antes da publicação que os torna legítimos objetos de estudo, como nas indagações de Marcuschi (1975), entretanto, somente com a complexa articulação promovida pelos pesquisadores americanos George Lakoff e Mark Johnson em *Metaphors We Live By* (1980) foi que se passou a discutir, de forma mais sistematizada, como as figuras de linguagem funcionam não como ornamentos de embelezamento da linguagem, mas sim como peças essenciais da construção natural da mesma (VEREZA, 2010).

Dessa forma, com o interesse aqui elencado, bem como pela valorização das práticas culturais humanas como atividades que refletem a sua realidade simbólica no mundo (MARCUSCHI, 2007), busca-se, por meio da junção dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) e os seus respectivos desdobramentos cognitivos-discursivos e socioculturais (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999; SOARES DA SILVA & LEITE, 2015; SOUSA, 2016; KÖVECSSES, 2005; VEREZA, 2007, 2017; MORATO, 2017), com os da Filologia Textual (CLARK DE LARA, 2003; CAMBRAIA, 2005) e da Paleografia (ANDRADE, 2010), investigar como o homem colonial, imerso numa cultura religiosa hegemônica, compreendida pelos membros da elite como via de acesso à possível salvação da alma. Estes utilizaram-se da metáfora na construção do ritual da “boa morte”, tanto para edificar um tecido textual que revela a articulação coerente e coesiva propiciada por uma escrita socioculturalmente e socio-historicamente *situada* (VEREZA, 2013; MORATO, 2017), quanto para que através do uso do arcabouço simbólico-figurativo da linguagem como recurso e possibilidade de alcançar a intencionalidade discursiva almejada: construir o significado textual acerca de um rito singular para os cristãos da elite do Brasil

colonial, o ritual da “boa morte”, de modo que pudessem elaborar com eficácia o seu “projeto de dizer” (KOCH, 2004). A figuratividade, a saber, a metafóricidade será aqui valorizada, analisada e compreendida não como um elemento de embelezamento da linguagem, mas como um construto estruturador, que ajudava o falante a produzir-se a si e ao outro.

## **2. A missa e o ritual da “Boa Morte”**

Como assinalam os estudos desenvolvidos por Pereira (2015; 2016a; 2016b), o ritual da boa morte é um tipo de ritual de passagem que não só revela a vontade do homem em angariar um lugar nos céus, mas também reflete aspectos sociais, culturais e econômicos dos indivíduos que adotaram essas práticas. Herança da mentalidade medieval trazida para a América portuguesa, o ritual do “bem morrer” era instituído pela religião hegemônica, o catolicismo, que utilizando a preocupação dos homens com a perfeição espiritual para escapar as tentações e alcançar a salvação da alma (PEREIRA, 2016b), estimulou nos fiéis, a exteriorização de práticas materiais para a expressão da fé.

De acordo com os registros da História, não havia, antes da ascensão do cristianismo, entre os séculos II e IV, uma preparação sistemática dos sujeitos com relação à vida após a morte. Segundo observa Veyne (2009), os antigos romanos praticavam a arte das tumbas e certos ritos fúnebres apenas pelo medo da ira dos deuses, que eram conhecidos por serem justos e vingadores, mas não havia ainda a ideia de salvação. Foi então a partir da proeminência da Igreja Católica, no período supracitado, que os protocolos em relação à vida e à morte começam a ser estabelecidos, sendo a instituição cristã, uma entidade “esclarecedora” quanto à necessidade dos homens em se preparar para o momento de desenlace com seus corpos (BROWN, 2009). Nessa dinâmica de instrução, os cristãos foram informados que a alma, uma vez separada do corpo, poderia ir para o Paraíso, no caso dos justos, ou ir diretamente para o Inferno, no caso dos pecadores. Entretanto, ainda havia uma chance de se salvar, o Purgatório, lugar onde poderia se observar as infrações cometidas no plano terrestre e era um meio de Deus demonstrar a sua misericórdia, perdoadando, a partir da negociação feita em vida através da prática do rito da “boa morte”, os erros cometidos pelo infrator e concedendo, conseqüentemente, a oportunidade de salvação (PEREIRA, 2016b).

Esse contrato de salvação era permeado por ações antes e pós-morte que envolviam “várias dimensões, comportando ao mesmo tempo aspectos gestuais, textuais, uso de vestimentas e sinais específicos, além da utilização de objetos simbólicos” (PEREIRA, 2016a, p. 329). Dentre essas esferas significativas do ritual, havia a redação de um testamento no qual o cristão deveria argumentar em favor da remissão dos seus pecados através da lembrança dos atos de caridade feitos em vida em prol da instituição católica, bem como as numerosas doações em favor da mesma e dos pobres. Segundo Belloto (2002), o testamento expressa a vontade das pessoas com relação ao que quer que se faça com os seus bens após a morte. Desse modo, observando tais atitudes, no contexto do rito da boa morte, é possível afirmar que a condição financeira do testador era um elemento de suma importância na conquista da morada dos céus, pois, precisando a Igreja de recursos para se manter, quanto mais os seus fiéis pudessem lhe doar em bens, mais ela garantiria a contrapartida da salvação. Não só os testamentos, como outros documentos presentes nos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento na Bahia, atestam essa assertiva, demonstrando que a ideologia implantada e disseminada pelo cristianismo no Brasil Colônia com o suporte do governo vigente, conseguiu extrair muitas das heranças dos colonos. Esse *corpus*, do qual se extraiu o documento selecionado para o presente estudo, foi editado semidiplomaticamente<sup>4</sup> pelo Grupo de Crítica Textual da UFBA, coordenado pelas professoras doutoras Célia Marques Telles e Alicia Lose.

**Figura 1:** Capa do Livro *Velho do Tombo*



---

<sup>4</sup> Por meio de edição semidiplomática, forma de fixação do texto manuscrito, de feição conservadora, em que se permite apenas o desenvolvimento das abreviaturas (CAMBRAIA, 2005).

## *Religião, Língua e Literatura*

**Fonte:** LIVRO *Velho* do Tombo (2016).

A leitura de um desses documentos notariais presente no *Livro Velho* do Tombo permitiu-nos perceber como a lexia “missa” foi utilizada em encadeamentos textuais que revelam a sua importância na dinâmica de convencimento da comunidade celeste quanto à defesa do *ethos* de bom cristão, construído pelo testador. Assim, interessado em entender de que modo uma das mais importantes celebrações da instituição católica por ser ela um dos locais onde a religiosidade cristã se manifesta de forma mais vivida e ritualística esteve presente de forma expressa no manuscrito mencionado, este trabalho, inspirado na ideia de contexto como evento corpóreo, sensorial, emotivo e cultural (FERRARI, 2011), busca entender a conceptualização da “missa” como moeda de troca, resultado do ensinamento religioso difundido na América colonial, somado aos sentimentos de opressão e medo vividos pelo testador. Ainda em seu estudo sobre o protocolo da “boa morte”, Pereira (2015) afirma que, no momento de elaboração do testamento:

o testador, indicando a motivação para o testamento, invoca a Trindade e declara seu arrependimento. A seguir, em geral, solicita a intercessão de anjos e santos pela salvação de sua alma, e passa a apresentar os argumentos em sua defesa, convocando para isto o testemunho das ordens religiosas, irmandades e entidades piás que ajudou em vida. Conforme o seu poder de barganha, o testador pode descrever como deve ser o seu sepultamento, enumerando as características do cortejo fúnebre, a vestimenta, o epitáfio e o local em que o corpo será depositado. Para fazer jus aos pedidos registrados, o testador apresenta então o seu ‘legado piedoso’, que são os atos de caridade, tais como as doações para as entidades religiosas nomeadas, para viúvas e órfãos pobres, para os pobres que serão convocados a acompanhar o cortejo, ou os atos para demonstração de bom caráter, como o reconhecimento de dívidas e de filhos bastardos ou a alforria de escravos mais antigos. Por fim, indica-se a quantidade e periodicidade de missas que deverão ser rezadas pelas almas de seus parentes próximos, pelos pobres e por sua própria alma (PEREIRA, 2015, p. 4).

A missa configura-se, como visto, em um evento importante para esses indivíduos, fazendo-os entendê-la cognitivamente como um instrumento de reforço no momento barganha para obtenção da sua salvação, fortalecendo assim, o seu *ethos* de bom cristão. No contexto da ação motivada por uma pedagogia opressora, é importante trazer em pauta um pouco das suas origens. Como assinala Poubel (2016), a primeira missa no Brasil já ocorreu com a missão de aliciar os que viviam em terras da ainda Ilha de Vera Cruz para a fé cristã. Ela foi

celebrada, no dia 26 de abril de 1500, um domingo de páscoa, pelo frei franciscano Henrique de Coimbra (1465-1532). Segundo a autora:

No relato feito por Caminha, embora não conhecessem nem o teor da pregação nem o sentido daquela celebração, os naturais da terra foram surpreendidos pela novidade e assistiram à cerimônia em silêncio com admiração. Esta formatação de evento sagrado foi usada pelos missionários em eventos posteriores como forma de difusão da mensagem cristã, utilizando, principalmente, o aproveitamento da expressão teatral e musical como instrumento de evangelização. Quando a cerimônia chegou ao fim, os índios demonstraram contentamento através de cornos, buzinas e festas com cânticos, danças, trejeitos e saltos (POUBEL, 2016).

A primeira celebração da instituição católica no Brasil ocorreu então como o primeiro movimento de fixação da fé católica no Brasil, feita com o claro interesse de subjugação do povo indígena a um só pensamento, a um só Deus. O quadro a seguir, elaborado por Victor Meirelles (c. 1980), ficou famoso ao procurar recriar este momento que ocorreu em Porto Seguro, na Bahia que nos leva para as primeiras reflexões tanto acerca de como essa ação ritualística cristã foi trazida e exposta os habitantes das terras tupiniquins dos anos de 1500 não só como um como um instrumento do pacote colonizador português e a doutrinação de seus ideais, quanto a respeito da importância do ritual da missa como um evento que constitui a própria existência simbólico-discursiva e estrutural do catolicismo:

**Figura 2** – A primeira missa no Brasil, por Victor Meirelles (1861).



Fonte: EBC (2015).

### **3. Contribuições da linguística cognitiva e da Filologia Textual para a compreensão do pensamento colonial**

Conforme aponta Mattoso (2004), os testamentos configuram-se como fontes preciosas que podem revelar, através de sua leitura, aspectos da mentalidade dos sujeitos que a eles resguardaram seus bens. Por isso, no que tange ao estudo do pensamento e da ação dos seres humanos, este trabalho toma como base, as contribuições teórico-metodológicas da Linguística Cognitiva, que, ao se unir aos métodos da Filologia Textual, contribui para o entendimento da conceptualização humana colonial. Segundo Sousa (2016), os estudos em cognição:

têm como objeto de investigação os mecanismos mentais envolvidos nos processos de construção de sentidos, partindo da ideia que a cognição humana se constitui pelas relações que estabelecemos com o mundo por meio das nossas experiências sensório-motoras e de vivências de cunho sociocultural (p. 130).

Essa corrente teórica nasceu a partir da discordância de pesquisadores – entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier (FERRARI, 2011) – em relação aos postulados do linguista Noam Chomsky e a sua escola linguística – o Gerativismo. Essa linha científica entende que a linguagem é um sistema autônomo que tem princípios e parâmetros inatos próprios, afirmando ainda que a sintaxe é, dentro desse módulo presente no cérebro, um elemento isolado dentre os demais descritores das línguas, a saber: a fonologia, a morfologia e a semântica. Os pesquisadores da Linguística Cognitiva rejeitando essa hipótese lógico-positivista do mundo, afirmam a importância dos outros conhecimentos concebidos pelos indivíduos em sua interação com contextos específicos, para a edificação de conceitos, defendendo a tese de que a mente é corporificada (JOHNSON, 1987), ou seja, a cognição é mediada por meio das relações físicas e culturais do homem com os ambientes em que ele vive. Fauconnier (1997) postula que a linguagem visível é apenas a ponta do *iceberg* da construção invisível do significado, sendo, dessa forma, a nossa visão muito mais complexa e profunda do que pensamos.

Com o intuito de descrever empiricamente essas operações cognitivas, Lakoff & Johnson lançam a obra fundadora da Semântica Cognitiva *Metaphors We Live By* (1980), trazendo a tese de que os indivíduos apreendem e estruturam o mundo por meio de metáforas



(LOPES, 2015). A figuratividade, que, em achados de Retórica Restrita, eram vistas como recursos que embelezavam a linguagem (VEREZA, 2017) e dificultavam a interpretação da audiência por esta ter que exercer um trabalho mental intenso para entender o que está sendo construído por ela (SOUSA, 2016), passa a ser considerada como um elemento primário do pensamento, da linguagem e da ação humana.

A explicação da atividade da metáfora como elemento que traduz a conjectura do pensamento humano está atrelada à ideia da projeção entre domínios cognitivos, que, para Lakoff & Johnson, são dois: o domínio fonte e o alvo (SARDINHA, 2007). Fonte é o domínio da experiência, que é configurado a partir das vivências físicas, corporais e sensório-motoras das pessoas no globo; já o alvo diz respeito a conceitos abstratos que esses seres desejam conceitualizar. Um exemplo disso é a metáfora TEMPO É DINHEIRO. Numa frase como “economize meu tempo, por favor!”, o falante está utilizando o seu conhecimento da área financeira para falar da sua noção de dinheiro, estabelecendo assim a metáfora conceptual que é geralmente apresentada num modelo X É Y: TEMPO É DINHEIRO<sup>3</sup>.

**Figura 3** – Mapeamento entre domínios cognitivos



Fonte: De Almeida (2017).

<sup>3</sup> Também convencionou-se desde o trabalho seminal da Linguística Cognitiva em 1980 a catalogar-se as metáforas encontradas e analisadas no estilo *versalete*. É uma metodologia própria da área.

## *Religião, Língua e Literatura*

Grady (1997) sinaliza que pode haver a projeção simultânea entre domínios em muitos casos, não sendo mais uma regra a unidirecionalidade na projeção metafórica.

Com o intuito de demonstrar que as metáforas são corporalmente estruturadas, e de evidenciar sua sistematização, Lakoff & Johnson (1980) as classificam como:

- Estruturais: são construções nas quais é possível perceber o mapeamento de vários elementos. No caso de IDEIAS SÃO PLANTAS, as ideias são conceptualizadas como frutos da natureza que são capazes de serem plantados, se desenvolverem, amadurecerem, e assim por diante;
- Orientacionais: são relativas a vivências do corpo físico com direções espaciais. Nas metáforas BOM É PRA CIMA e RUIM É PRA BAIXO, por exemplo, concebemos vários conceitos da vida cotidiana, a saber: CÉU É PRA CIMA e INFERNO É PRA BAIXO.
- Ontológicas: servem para idealizar concretamente uma entidade abstrata, sem realizar o mapeamento entre domínios. Por exemplo, na frase “essa música é muito grande”, a música é um elemento idealizado ontologicamente.
- Personificação: é um processo envolvendo metáforas ontológicas nas quais estas são tratadas como pessoas. Exemplo: “Amiga, *o sol* está nos chamando para ir para praia hoje!”.

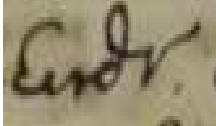

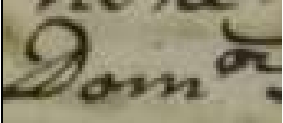
Como é comum no desenvolvimento de estudos científicos, a reflexão, a crítica e o aprofundamento dos postulados iniciais levaram os pesquisadores a rever e ampliar a discussão acerca da metáfora. Na esteira do trabalho fundador de Lakoff & Johnson (1980) outros linguistas, a exemplo de Soares da Silva e Leite (2015), Vereza (2007; 2010; 2013; 2016; 2017), Morato (2017), trouxeram suas contribuições, ampliando o trabalho precursor da Linguística Cognitiva no qual as figuras de linguagem eram apenas compreendidas como elementos cognitivos que deveriam ser apenas catalogados, sem muito valor no processo de produção da textualização humana, cuja importância em contextos reais de fala e de interação humana é agora revista Os estudos

atuais contribuiriam tanto para os estudos em ciência da linguagem quanto para outras reflexões de áreas do conhecimento afins, para a compreensão acerca de como os indivíduos produzem a textualidade (nas diversas modalidades naturais de expressão da linguagem tais quais a oralidade e os gestos) possibilitando aos indivíduos ter sucesso na arquitetura de suas intencionalidades discursivas, bem como ajudando eles na edificação dos seus projetos de fala (KOCH, 2002; 2004).

Interessado no impulso interdisciplinar que essa nova versão dos estudos em metáfora nos trouxe, bem como ao saber que pesquisadores socioculturalistas Kövecses (2005) dizem que é na religiosidade que a metafóricidade encontra um dos seus lugares de manifestação mais natural, promoveremos aqui uma análise no âmbito desses moldes. Também, para a adequada compreensão de como as motivações externas impulsionaram o homem colonial na construção de seus alicerces mentais e cognitivo-discursivos quanto ao processamento do conceito da “missa” *no e pelo* discurso socioculturalmente *situado* (VEREZA, 2010; 2017; MORATO, 2017), a união dos métodos da Filologia Textual entre os quais se destaca a aplicação das técnicas Paleografia que é responsável por estudar a linguagem em fontes manuscritas, conforme assinalam Cambraia (2005) e Clark de Lara (2003), com os da Linguística Cognitiva se faz singularmente necessária e relevante para uma melhor compreensão do fenômeno aqui a ser investigado. Como aponta Andrade (2010), a Paleografia é a ciência que busca estudar as escritas antigas, valorizando-as como expressões humanas situadas em um determinado tempo, espaço e cultura, por isso, o filólogo, utilizando-se de seus conhecimentos, consegue desdobrar abreviaturas e verificar a existência de ligaduras entre palavras, de modo a facilitar a leitura das fontes e disponibilizar textos fidedignos a pesquisadores de outras áreas de investigação. Observem-se alguns exemplos dessas intervenções paleográficas

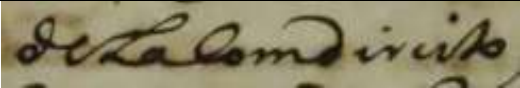
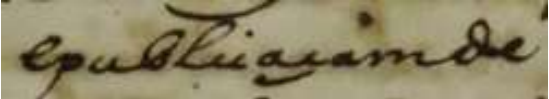
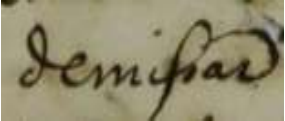
**Quadro 1 – Abreviaturas**

**Fonte:** elaborado pelos autores.

| ABREVIATURA        | EXEMPLO   | DESENVOLVIMENTO | CLASSIFICAÇÃO                    | LOCALIZAÇÃO |
|--------------------|---|-----------------|----------------------------------|-------------|
| Herdr <sup>o</sup> |  | herd(ei)ro      | Abreviatura por letra sobreposta | f. 50r l. 7 |
| d <sup>o</sup>     |  | d(it)o          | Abreviatura por letra sobreposta | f. 50r l. 8 |
| Dom <sup>oz</sup>  |  | z<br>Dom(ing)o  | Abreviatura por letra sobreposta | f. 50r l. 8 |

**Quadro 2** – Ligaduras.

**Fonte:** elaborado pelos autores.

| LIGADURA  | TRANSCRIÇÃO    | LOCALIZAÇÃO  |
|---|----------------|--------------|
|  | Delacomdireito | f. 50r l. 24 |
|   | e publicaçãnde | f. 50r l. 23 |
|  | Demissaz       | f. 50r l. 29 |

#### **4. Uma análise sociocognitiva e sociodiscursiva do uso da lexia “missa” em um testamento colonial**

A Semântica Cognitiva rejeita a visão chomskyana da linguagem de que a relação entre palavra e mundo é direta, como um reflexo que é modulado e organizado por um sistema mental humano autônomo e autosuficiente. Acredita, por sua vez, que “os sentidos de um item léxico e de outros elementos linguísticos são elaborados pelos conceptualizadores, são interpretações que surgem em um contexto particular, de modo que não são dados de antemão” (ALMEIDA, 2016, p. 15). Desse modo, interessado em compreender como esse processo arquitetônico se dá em relação à lexia “missa” e o papel da metaforicidade na elaboração do “projeto de dizer” sobre ela na Bahia colonial, escolheu-se como *corpus* o testamento do cristão Manuel Nunes Paiva, datado de 1622. Tal indivíduo, estando doente de moléstia grave e consciente de que em algum momento próximo ele poderia partir, buscou tratar dos assuntos referentes a sua vida após a morte, a saber: a redação do texto no qual, como estipulado pela Igreja Católica, ele poderia negociar a remissão dos seus pecados e, conseqüentemente, evitar ser enviado ao Inferno.

No processo de articulação do tecido textual, o testador vai mostrar, através de seu legado piedoso, que tem condições de “comprar” a salvação, e para isso utiliza-se de elementos como doações e obras de caridade para alcançar esse objetivo. Pereira (2015) assinala a importância do evento da missa para a abreviação do tempo no Purgatório, contudo, não demarca com a devida atenção como esse ritual católico é empreendido, no que tange ao complexo processo de trato no discurso de articulação de seu significado, pelos testadores submetidos ao ritual da “boa morte”, que é objetivo do presente estudo.

Seguindo o objetivo de analisar os excertos linguísticos retirados do testamento de Nunes Paiva presente no Livro *Velho* do Tombo os quais se articulam textualmente por meio da lexia missa, iremos descrever o que ocorre no seu movimento de escrita, abordando algumas das narrativas ali presentes:

No início do texto o Juiz Ordinário citado no documento informa à população sobre a carta de publicação do documento edificado por Manuel Nunes Paiva. Nesse informe, o magistrado dá a primeira informação acerca da missa, demonstrando sua importância ao destaca-la dentre outros elementos contidos no documento:

(1) “[...] aosque esta minhacarta/deSentença de Reformaçam epublicaçam de humtestamento for/ apresentado, eoconhecimento delacomdireito pertencerfaçosaber/ que nestejuizo ordinario se trataram, efinalmente senten/ciarmahuns autos de cauzaceuel de hum/ajutificaçam de umtestamento quefezManuel Nunes Paiua defunto aoz Reue/rendos Padres de Sam Bento destaCidade seus herdeyrosemparte/ *comcertas obraçoẽz demissaz [...]*” (TMNP, 1628: 50r l. 23-29 – grifos nossos).

Inserido num contexto sociocultural no qual a religião oficial era o catolicismo cabia ao governo também abraçar as suas ideias e recomendações. Por isso, aceitações de preceitos e direcionamentos de práticas da Igreja também faziam parte desse movimento político de afirmação e reafirmação da legitimidade da instituição intitulada como a voz de Deus na terra, demonstrando a articulação sociopolítica entre essas duas instituições sociais no movimento de doutrinação e controle social no período aqui referido e estudado. Por esse ângulo, é possível sugerir que o movimento do Juiz Ordinário em validar o documento e edificar a sua discursivização escrita via a metáfora A MISSA É UMA OBRIGAÇÃO para expor os desejos do testador Manuel Nunes Paiva refletindo a importância do contexto não só do contexto sociocultural como também o sociopolítico e socioeconômico para a construção da linguagem e do discurso. O juiz precisava estar coerente com os ideais da Igreja indicando na época a sua relevância para a sociedade, agora a Igreja utilizava-se de seu discurso hegemônico na Bahia colonial em favor da sua manutenção, promovendo a ideia da missa como uma manifestação religiosa essencial na época para a manutenção tanto da vida quanto da morte.

Após o informe do juiz que abre o documento, passa-se efetivamente ao testamento:

(2) (3) “[...] Declaro mais que *alemdeCem/milReis que mando dar no testamento aozpadres desam Bento de/ esmolalhemandar outrossem que digam em missas*. DeClaro/ Mais que no quetoca ao enterramentosefaça o que está Notes/tamento, *Equeas missas que semham de dizer pella minhaalma/ sedirammomosteyro de samBento aonde me mando enter/rar [...]*” (TMNP, 1622: 50v l. 34-40 – grifos nossos).

Componente importante do ritual da “boa morte” a missa era, como assinala Pereira (2015), um evento importante no processo de busca do indivíduo por um lugar no céu. Utilizando da articulação contínua entre experiência, cognição e discurso, o testador empreende textualmente por meio das seguintes metáforas nesse excerto textual elaborado no uso real da linguagem em um contexto específico de interação e existência humana:

Em (2) as metáforas *A MISSA É UM NEGÓCIO* e *A MISSA É UM INSTRUMENTO DE BARGANHA DA SALVAÇÃO* auxiliam sociocognitivo-interacionalmente na promoção do encadeamento textual elencado pois uma vez que a Igreja precisa de bens para se manter, bem o testador de elementos para persuadir a corte celeste a respeito do arrependimento dos seus pecados (que poderiam ser além de barganhas materiais, a promoção de demandas espirituais) o fiel negocia, através da “doação” de 100 mil reis para os padres do Mosteiro de São Bento, a realização de missas por sua alma. Contrata assim essa cerimônia legitimada pela Igreja Católica com o intuito de juntar fortes peças argumentativas no seu movimento de persuasão da divindade celeste acerca do seu merecimento: ser salvo por conta do contrato firmado entre um “contratante” e um “contratado” por meio de um testamento que terá como resultado a salvação. Ao mostrar a relevância espiritual e religiosa do Mosteiro de São Bento (v. exemplo 3) tanto para o enterro quanto para a ocorrência da missa que vai ajudar a sua alma como a voz de Deus na terra, evidencia-se a utilização do dispositivo cognitivo-discursivo da metáfora, que neste caso se traduz como *A MISSA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO É A MISSA QUE SALVA ALMAS*. Desse modo, em vista do medo das penas do inferno e do purgatório, o testador tece a sua defesa perante as entidades espirituais comandadas por Deus que o auxiliam no julgamento de atitudes dos que, segundo a Igreja Católica, podem pleitear a salvação.

### ***1. Considerações finais***

A religiosidade está presente na vida dos indivíduos há eras, sendo ela uma das práticas culturais mais adotadas ao redor do mundo por ter como um dos seus impulsos principais a autointeriorização e aprofundamento do homem, que busca conhecer a si mesmo, bem como ao mesmo tempo a sua autoexteriorização e salto para além da sua matéria física, via sua subjetividade e sua imaginação (REVIÈRE, 2013; SANTO, 2019). Visto que o cristianismo católico era legitimado pelo estado colonial, a Igreja infiltrava-se em todos os cantos dessa sociedade, influenciando-a e moldando-a, o que possibilita dizer que os componentes da elite colonial baiana foram subjugados a uma ideologia hegemônica. Ao serem informados pela Igreja de que seus erros em vida os levaria ao Inferno, os homens buscavam cumprir as determinações do ritual da “boa morte” para que pudessem assim ter a possibilidade, mesmo com diversos



pecados, de alcançarem a salvação. Para tal objetivo, ao pressentirem a proximidade da morte, escreviam um testamento no qual doavam boa parte dos seus bens à Igreja, costurando um texto sociocognitivo-interacionalmente e socioculturalmente modulado. A proposta da Linguística Cognitiva de que a metáfora é um dispositivo de construção textual, que permite aos falantes dar coesão e coerência ao seu discurso, quanto possibilita a construção de um texto que evidencie com eficácia o seu “projeto de dizer” faculta a análise de textos do cotidiano evidenciando metáforas que são do uso corrente em dado contexto. No texto selecionado, as metáforas tais quais A MISSA É UMA OBRIGAÇÃO (elaborada pelo juiz que fez saber sobre os desdobramentos legais do testamento), A MISSA É UM NEGÓCIO, A MISSA É UM INSTRUMENTO DE BARGANHA DA SALVAÇÃO e A MISSA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO É A MISSA QUE SALVA ALMAS (elaborada pelo testador Manuel Nunes Paiva na escrita seu legado piedoso) esclarecem os usos dos falantes no contexto da América colonial que seguiam o mesmo caminho influenciado pelo catolicismo hegemônico da época nesse processo, o que se revela por meio das construções discursivas: ir morar com Deus no céu.

A utilização de metodologia interdisciplinar mostrou-se oportuna para melhor compreensão do *corpus* examinado. Considerando-se a natureza da fonte consultada e a época de sua redação, foram essenciais os conhecimentos de Paleografia e de Filologia, dentre outros, que possibilitaram o adequado entendimento acerca da escrita do século XVII e de seu contexto sócio-histórico, permitindo esclarecer os sentidos e usos do período em foco.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Histórias sobre as redes de significação do item léxico “foda” à luz do Sociocognitivismo. In: ALMEIDA, A.; SANTOS, E. (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- ANDRADE, Maria C. J. de. Paleografia. IN: SAMARA, Eni de M. (org.) *Paleografia, Documentação e Metodologia Histórica*. São Paulo: Humanitas, 2010.
- BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

## *Religião, Língua e Literatura*

- BENTES, A. C. Linguística Textual e Sociolinguística. *Linguística Textual - Interfaces e delimitações - Homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch*. (org). Edson Rosa Francisco De Souza, Eduardo Penhavel, Marcos Rogério Cintra São Paulo, Cortez Editora. p. 258-301, 2017.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de Arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- BROWN, Peter. 2009. Antiguidade tardia In: Veyne, Paul (org.). *História da vida privada*, 1: do Império Romano ao ano mil. Tradução Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras: 255-258.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASEMIRO, Ana P. B. S. Igreja, educação e escravidão no Brasil colonial. *Revista Politeia: Hist. e Sociedade*, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/224/242>>. Acesso em: 10/05/2018.
- CLARK DE LARA, Belém. Filologia literária e Historia. In: LA SERNA, Jorge Ruedas de. (org.). *História e Literatura: homenagem Antônio Cândido*. São Paulo: Unicamp; Imprensa Oficial SP, 2003. c. 7, p. 115-141.
- DE ALMEIDA, Rodrigo. O uso de metáforas e metonímias por pacientes esquizofrênicos à luz da Teoria da Metáfora Conceptual. *Ciências e Cognição*, v. 22, p. 63-92, 2017.
- EBC. Francisco Guimarães analisa a primeira missa no Brasil. 2015. Disponível: <https://www.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2013/04/francisco-guimaraes-analisa-a-primeira-missa-no-brasil>. Acesso em 15/05/2020.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Thesis (PhD. in Linguistics) University of California, Berkeley, 1997.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002[1980].

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LIVRO Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Salvador, Mosteiro de São Bento. Edição semidiplomática. Coord. Célia M. Telles. In: LOSE, A.D.; PAIXÃO, D. G., OSB. (org.) *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*: Salvador: Memória & arte, 2016. Disponível em: <http://saobento.org/livrosdotombo/....> Acesso em: 25/07/2018.

LOPES, Braulio. *Metáforas Divinas: A Conceptualização Metafórica de Deus no Discurso Religioso Evangélico*. Congresso Internacional Da Metáfora Na Linguagem E No Pensamento, 5. *Anais*. 2015. Disponível em: <http://150.164.100.248/congressometafora/data1/arquivos/Lopes.pdf> Acesso em:10/06/2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. A propósito da metáfora. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 71-89, 2000 [1975].

MARCUSCHI, Luiz A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Da Revolução dos Alfaiates à Riqueza dos Baianos no século XIX: Itinerário de uma Historiadora*. Salvador: Corrupio, 2004.

MORATO, E. M. Linguística Textual e Cognição. *Linguística Textual - Interfaces e delimitações - Homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch*. (Orgs. Edson Rosa Francisco De Souza, Eduardo Penhavel, Marcos Rogério Cintra) São Paulo, Cortez Editora. p. 394-430, 2017.

PEREIRA, Norma Suely da S. Os rituais da “boa morte” na Bahia colonial a partir da análise de testamentos. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R.; LUCENA, Rubens M. (org.). *ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos*. E-book. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 1013-1042.

PEREIRA, Norma Suely da Silva. *Imagens da cultura medieval reveladas em rituais religiosos da Bahia Colonial*. *Anais. IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS*. 2016a. Disponível em: <http://abrem.org.br/revistas/index.php/anaisiem/article/view/290/250>. Acesso em: 21/08/2017.

## *Religião, Língua e Literatura*

- PEREIRA, Norma. As confrarias e a construção do ethos de bom cristão em testamentos da Bahia Colonial. XVII ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. *Anais*. 2016b. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/2894-2/>. Acesso em 13/05/2017.
- POUBEL, Mayra. Primeira missa no Brasil. *InfoEscola*, 2016. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/historia/primeira-missa-no-brasil/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- REVIÈRE, Claude. *Socioantropologia das religiões*. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.
- SANTO, Bruno de Jesus Espírito. Cognition e espiritualidade: o papel da figuratividade em um texto ritualístico de doutrinação de espíritos sofredores. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 448-467, maio-ago. 2019.
- SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. E. R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, Recife, p. 1-23, 2015.
- SOUSA, Ada Lima Ferreira de. Metáfora: uma abordagem neurocognitiva. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.
- VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.
- VEREZA, Solange. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, 2013, p. 2-21.
- VEREZA, Solange. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 561-573, set. dez. 2016.
- VEREZA, S. C. O gesto da metáfora na referenciação: tecendo objetos de discurso pelo viés da linguagem figurada. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 59.1, pp. 135-155, jan./abr. 2017.
- VEYNE, Paul. 2009. O Além. In: VEYNE, P. O Império Romano. In: Veyne, Paul (org.) *História da vida privada*, 1: do Império Romano ao ano mil. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras: 199-200.